

# Fragas Falantes

annum per annum

1996  
2016

## TEXTOS

Adriano Rangel  
António Fidalgo  
António Pinto Pires  
Cristina Fernandes  
Daniel Raposo  
Eduardo Aires  
Emerson Eller  
Fernando A. Baptista Pereira  
Fernando Rosa Dias  
Francisco Providência  
Francisco Tiago Paiva  
Henrique Cayatte  
João Bicker  
João Paulo Cotrim  
João Paulo Queiroz  
Jorge dos Reis  
José Bártolo  
Margarida Vale de Gato  
Maria João Bom  
Mariano Piçarra  
Raul Cunha  
Vasco Branco  
Vitor Quelhas

vinte anos

twenty years  
twenty typefaces

vinte tipos de letra

uma monografia tipográfica

Jorge dos Reis

Covilhã **Speaking Stones**  
typographic monograph

Universidade da Beira Interior





## TIPO = GRÁFICA ENNOVENTE > FRANCISCO PAIVA

■ A PRIMEIRA NOTA SOBRE A EXPOSIÇÃO DA OBRA GRÁFICA DE JORGE DOS REIS VAI PARA A SIMETRIA DAS VINTE PRANCHAS IMPRESSAS, CUJA REGULARIDADE EXTERIOR SUBLINHA A INTÉPIDA ENERGIA INTERIOR QUE CARACTERIZA A OBRA POR ELE REALIZADA AO LONGO DESTES VINTE ANOS. É PRECISAMENTE NESSE BALANÇO DIACRÓNICO ENTRE O QUE NUNCA E AQUILO QUE PERMANECE QUE RESIDE O CARÁCTER – TIPOS – O ANÁLOGO FORMAL DE UM ARQUÉTIPO QUE SUBJAZ À FIGURAÇÃO, À INSCRIÇÃO E À IMPRESSÃO DE UM DISCURSO PESSOAL. TAL SIMULÃO DEIXA VER COMO MAIS CLAREZA O ESSENCIAL: CONCEDE A DISTÂNCIA NECESSÁRIA FACE À PROXIMIDADE QUE CEGA. ■ CONSIDERANDO A INFLUÊNCIA DAS NORMAS TIPOGRÁFICAS NA ORTOGRAFIA, NA INTERPRETAÇÃO E ATÉ NA PRONÚNCIA E TENDO O ORDEN LINGUÍSTICO DE LIDAR QUOTIDIANAMENTE COM A ESTÉTICA DA COMPOSIÇÃO, O DESEJO DE FIDELIDADE AO TEXTO RESULTA. DESDE AS ORIGENS DA IMPRENSA, DE UMA COMPLEXA NEGOCIAÇÃO ENTRE AUTORES, COMPOSITORES, IMPRESSORES, EDITORES E ATÉ CENSORES, CATEGORIAS PROGRESSIVAMENTE INDIFFERENCIADAS NOS PROCESSOS DE DESMATERIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO QUE A INDÚSTRIA VEM GERANDO. ■ TODAVIA, ENQUANTO NÃO SEJA ALHEIA AO PARADIGMA ELECTRÓNICO, TRANSPARECE NESTA OBRA GRÁFICA O DIFERENÇAMENTO DA DIVINA ‘ARTE NEGRA’ E DOS SEUS OFICIAIS, ALIADO A UM DESEJO DE ESCUTA QUE OS SIGNOS SERVENI COMO SINTONIA ESSENCIAL. SÃO ALFABETOS QUE TANTO CONVOCAM O ORIGINAL DA TIPOGRAFIA, O SEU LÉXICO, NORMAS E CONVENÇÕES VISUAIS E TÉCNICAS, COMO PROPÕEM UM FUTURO ORIGINAL E ESCLARECIDO PARA A ESPECULAÇÃO NO CAMPO DO DESIGN DE COMUNICAÇÃO. ■ SOB O NOME DE ‘FRAGAS FALANTES’ BROTA UM MATERIAL DE SIGNIFICADOS, DESDE LOGO OBJECTIVADO NA IDEIA DE ‘FONTE’, VESTÍGIO MATERIAL DO CONTACTO ENTRE OS TIPOS E O PAPEL, QUE ENQUANTO CONSERVE O CARÁCTER ESTRUTURAL DOS FORMAS APLANA O DESENHO DE CADA LETRA, TORNAVANDO A SUA FORMA SIGNIFICANTE NO CONTEXTO DA REPRESENTAÇÃO QUE PROPORCIONA LEITURAS MÚLTIPLAS. A FORMA NOVENTE DE CADA ‘CARÁCTER’ QUESTIONA A SISTEMÁTICA DA TIPOGRAFIA E DAS SUAS TAXONOMIAS. NESTA FRICÇÃO ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO SENTIMOS O PULSAR ARCAICO DA MORFOLOGIA ENNOVENTE DO CHUNHO, NUNCA CIVILIZADA GEOGRAFIA INTERIOR QUE GUIA O OLHAR PARA O PRECISO LUGAR ONDE A INSCRIÇÃO ‘IN LITERO’ SE DESVANECER NA PÁGINA INALCANÇÁVEL DA ENLAÇAÇÃO QUE A FORMA CONVOC. ■ ESTES VINTE ALFABETOS CONVIDAM-NOS A VER *EX NUOVO* AQUILO QUE JULGÁVAMOS CONHECER. ALÉGORICAS FRAGAS FALANTES, CUJOS ECOS ESTRENECER. ORÁCULOS CRISTALIZADOS CAPAZES DE TRAZER À LUZ NETA-SIGNIFICADOS, DANDO A VER E A OUVIR PRONÚNCIAS E TUMBRES LINGUÍSTICOS. SÃO DESSE PONTO-DE-VISTA ALFABETOS ILUSTRADOS, QUE ILUMINAM O DISCURSO E GUIAM O PENSAMENTO NESTA ‘ARS COMBINATORIA’ QUE TANTO SERVE O TEXTO COMO, PELAS SUAS QUALIDADES FORMAIS E PLÁSTICAS, DELE SE ENUNCIAM. ■ TAL DESEJO DE CAPTURAR E TRANSMITIR O IMPOSSÍVEL É O ALFA E O ÔMEGA DA CULTURA PROJECTUAL MODERNA QUE TANGE ESTES ENSAIOS TIPOGRÁFICOS, ASSUMIDOS SIMULTANEAMENTE COMO SONO E FORMA, TEXTO E IMAGEM, LOCAL E PAISAGEM, GERANDO PADRÕES DE REPRESENTAÇÃO QUE VÃO NUNCA ALÉM DO VALOR FACIAL DA LETRA, QUEL ‘EXFRASIS’ CAPAZ DE SE CONSTITUIR EM MODELO TORNAL, QUE OS TÍTULOS, ESSENCIALMENTE NOMBRES DE LUGARES, AJUDAM A REVELAR. ■ NUNQUIZO, ALBERTIE, MAIS TARDE, SERLIO BEM INTUÍRAMO A ANALOGIA ORGÂNICA ENTRE TIPOS E TOPOS, BEM PATENTE NAS PORTADAS DOS ALVORES DA MODERNIDADE, EXPLORANDO SENTIDOS LATERAIS, SUBTERRÂNEOS OU COMPLEMENTARES AO TEXTO ATRAVÉS DO DESENHO QUE DITAVA NATURALMENTE A GEOMETRIA REGULADORA DA COMPOSIÇÃO E A HIERARQUIA DOS ELEMENTOS NA PÁGINA EM ORDEN A UMA COSMOLOGIA QUE ULTRAPASSAVA O NÚMERO OBJECTIVO DE DIFUSÃO DA PALAVRA. ■ TEORIZAR SOBRE A ARTE POR MEIO DE CARACTERES E LETRAS É AINDA HOJE UM TEMA CONTROVERSO. NÃO OBTARUTE, JORGE DOS REIS LOGRA APROXIMAR-NOS DO ARQUETÍPICO ALFABETO LATENTE NA PARANETRIZAÇÃO DOS TEMAS E VARIACÕES. EXERCÍCIO DE OPOSIÇÃO DO TIPO AO ESTEREÓTIPO, DA REGRA AO MODELO, QUE PERMITE FIGURAÇÕES VEROSÍMEIS DO GÊNIO QUE AÍ SÓ.

O livro *Fragas Falantes* foi publicado por ocasião da exposição: / The book *Speaking Stones* has been published on the occasion of the exhibition: **Jorge dos Reis – vinte anos vinte tipos de letra 1996-2016, uma monografia tipográfica / twenty years twenty type faces 1996-2016, a typographic monograph.** Edição / Edition: LABCOM.IFP, Coleção ARS / Universidade da Beira Interior. Apoio à publicação / Publication support: Câmara Municipal da Covilhã, Novembro / November, 2016, Covilhã. Impresso sobre / printed on Aroprint 1.3 Edizioni 140gr. 6 Pop set 170gr. Fedrigoni Club, Prefácio / Preface by **Francisco Tiago Paiva**. Revisão ortográfica / Proof reading by **Catarina Moura**. Design de livro / Book Design by **Jorge dos Reis**. Tipografia do texto / Text typography: **Tintinho** (Jorge dos Reis) + **Univers** (Adrian Frutiger). Plano de produção / Production planning by **Jorge Carvalho / Serise**. Publicado por / Published by **Universidade da Beira Interior**. Impressão / printed by **Serise**. ISBN: 978-989-654-327-3 Depósito Legal: 417265/16 Agradecimentos (por ordem alfabética) / Acknowledgements (by alphabetical order): **Adriano Rangel, António Fidalgo, António Pinto Pires, Camila dos Reis Duarte, Catarina Moura, Cristina Fernandes, Daniel Raposo, Eduardo Aires, Emerson Eller, Fernando António Baptista Pereira, Fernando Rosa Dias, Francisco Providência, Francisco Tiago Paiva, Henrique Cayatte, João Bicker, João Paulo Cotrim, João Paulo Queiroz, Jorge Carvalho, Jorge Torrá, José Bartolo, Leonor Perry, Margarida Vale de Gato, Maria João Bom, Mariano Piçarra, Olivier Bonamic, Raul Cunha, Vasco Branco, Vítor Quelhas**. Exposição realizada na / Exhibition held at the **Universidade da Beira Interior**; organizada por / Organized by **Francisco Tiago Paiva, DESIGNA – Conferência Internacional de Investigação em Design / DESIGNA – International Conference on Design Research**, Universidade da Beira Interior, 24, 25 Novembro / November, 2016.

**Jorge dos Reis** (Unhais da Serra, 1971) Designer Gráfico. Foi aprendiz compositor tipógrafo com um primeiro-oficial de tipografia da Imprensa Nacional numa antiga oficina tipográfica do Cais do Sodré em Lisboa. Frequentou a Norwich University College of the Arts e o Conservatório Nacional de Lisboa onde estudou canto com Wagner Diniz e composição com Jorge Peixinho. Master of Arts pelo Royal College of Art em Londres, Mestre em Sociologia da Comunicação pelo ISCTE, Doutorado em Design de Comunicação pela Universidade de Lisboa. Professor Auxiliar na Faculdade de Belas-Artes UL onde fundou e dirige o Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas. Foi Visiting lecturer das universidades de Norwich, Liubiana, Berlin, Bolonha, Helsínquia, Tampere, Antuérpia, Istambul, Veneza, Macau, Minas Gerais (Belo Horizonte), Piauí (Teresina), Santa Catarina (Florianópolis), Ceará (Fortaleza) e Brasília. Iniciou o seu percurso projectual colaborando com o designer Robin Fior em Lisboa e com tipógrafo Alan Kitching em Londres. A sua obra é extensa e diversa, tendo uma actividade dual enquanto projectista e artista: faz design gráfico e tipográfico tendo-se estabelecido em atelier próprio em 1996; expõe desenho e pintura, faz performance, realizando exposições individuais e participando em mostras colectivas.

Obras publicadas (monografias, catálogos, livros): **A Escrita das Escritas** (Estar); **Das Letras que Moram nas Palavras** (Biblioteca Nacional de Portugal); **Depois de Gutenberg** (Politécnico de Castelo Branco); **O Cultivo das Letras** (EPUL CML); **O Bilingue Tipográfico de Macau** (Centro Científico e Cultural de Macau); **Terra Beirã Terra Tipografada** (Câmara da Guarda); **Uma Terra Uma Letra** (Câmara da Guarda); **Trânsito Local Trânsito Vocal** (com Américo Rodrigues – Luzlinar); **Codex – Palavra e Simulacro** (Diferença Comunicação); **Visible Speech** (Teatro Municipal da Guarda); **Uma Caligrafia Insular** (Museu de Angra do Heroísmo); **Escrire Risco** (com Américo Rodrigues, Luzlinar); **Tipograma Topograma** (Teatro Municipal de Almada Joaquim Benite); **Livros de Provas** (Faculdade de Belas-Artes); **Libro Panóptico** (Cemvo, Salamanca Morille); **Seis Alfabetos Para Paul Klee** (Universidade de Aveiro); **O Desenho da Escrita em Portugal** (Biblioteca Nacional de Portugal); **Da Epigrafia à Caligrafia da Tipografia à Poesia** (Centro Cultural Raiano); **Caderno de Campo da Serra da Gardunha** (A Moagem Cidade das Artes, Câmara do Fundão); **Compositori Tipografici Geografici** (com Alberto Casiraghi, Edizioni Pulcino Elefante); **Fragas Falantes** (Universidade Beira Interior); **Folding the Text Lines of The Book** (Círculo de Artes Plásticas de Coimbra).



VI ENCONTRO  
NACIONAL DE  
INVESTIGAÇÃO  
EM MÚSICA  
EM 2016  
6TH NATIONAL  
CONFERENCE  
OF MUSICAL  
RESEARCH

NORWICH  
1 & 2

1996

Norwich 1 e 2 enquadram 20 anos do percurso singular de Jorge dos Reis ao universo das letras. Duas grandes paixões acompanham, em articulação, contaminação e consolidação, toda a viagem: o grafismo e a música. Norwich 1, de 1996, retrata o início dessa inquietação. Uma tensão elementar entre duas formas curvas puras, com inclinações distintas, confere às palavras um dinamismo particular. Norwich 2, de 2016, revela a passagem da ingenuidade à intencionalidade projectual. Da interferência da partitura musical na relação directa com as formas convencionadas, ampliam-se relações e sentidos, musicalmente geométricos e graficamente melódicos, na unidade do artefacto. As letras são sons e os seus desenhos revelam a arte da gestão de detalhes, combinada com uma pessoalíssima visão autoral. Norwich exhibe esse ecossistema de relações que atravessa a linguagem e interliga forma e conteúdo: carga poética e expressiva das ideias, com a fonética, sem esquecer a convenção, numa harmoniosa sinfonia. **Vitor Quelhas**

A B C D E F  
G H I J K L M  
N O P Q R S T  
U V W X Y Z  
Œ Æ 1 2 3 4  
5 6 7 8 9 0

LONDON DUBLIN NORWICH BELFAST



VIA ESTREITA



1997

MUSEU: NAACIONAL  
: FERROVIÁRIO

COM BOIO



A	B	D	E	H	I	L	M	P	Q	T	U
C	Ç	F	G	J	K	N	O	R	S	V	W
X	Y	1	2	5	6	9	0	!	!	((	(
Z	œ	3	4	7	8	&	°	°	°	«	»

A fonte tipográfica Via Estreita foi um projecto lançado pela então CEI/MNF, Comissão Executiva Instaladora do Museu Nacional Ferroviário, com o objectivo principal de criar uma fonte fortemente identificada com o projecto do Museu Nacional Ferroviário, integrando uma forte identidade ferroviária de modo a abranger toda a complexidade e diversidade de elementos icónicos desta temática. Por solicitação da CEI/MNF, foi este trabalho solicitado a Jorge dos Reis, no entender da Comissão uma pessoa com sensibilidade para a temática em questão, detentor de fortes vivências no âmbito ferroviário, entrosado com a diversidade de temas e universo(s) integrantes. A conceptualização deste projecto desenvolveu-se em duas etapas: (1) A concepção do Carácter Tipográfico do Museu Nacional Ferroviário; e (2) A apresentação da Imagem Corporativa.

A concepção do Carácter Tipográfico do Museu Nacional Ferroviário, Via Estreita, desenvolveu-se a partir do Conceito, Realização e Apresentação. O Conceito decidiu-se em função do grafismo identitário que emerge da própria realidade de uma linha férrea, dois carris, que estão na base da sua forma final. A Realização abrangeu a possibilidade de escritas diversificadas de âmbito museológico e ferroviário, e da sua exequibilidade. A Apresentação, culminou com o lançamento da fonte Via Estreita, que deu forma ao abecedário de A a Z; numeração; pontuação; grafismos da fonte tipográfica Via Estreita, corporizando os diversos ícones.

A apresentação da Imagem Corporativa desenvolveu-se a partir das seguintes etapas: Imagem Corporativa – criação de símbolo e logótipo; Grelha de construção; Símbolo do MNF; Símbolo complementar do MNF; Logótipo; Símbolo e logótipo; Símbolo e logótipo da imagem corporativa complementar; Aplicações gráficas específicas – Notícias do Museu; Relatório de viagens; Sacções museológicas. Aplicações futuras: edições, exposição, actividades, imagem.

No que concerne à especificidade: Edições - livros específicos sobre Locomotivas Alco 1500 e Whitcomb 1300; Exposição - design de equipamento museográfico; grafismo funcional, nomeadamente sinalização e iconografia museográfica; fichas e desenho de peças. Actividades - Dossiê: Gabinete de Comunicação e Cultura; Fichas; Dossiê mono folhas; propostas e projectos; actividades temporárias (exposições, animação, objecto, espécimes); Caixas - Folders MNF multiusos; Imagem - kit de normas e constantes gráficas; mapa museológico e museográfico. **António Pinto Pires**

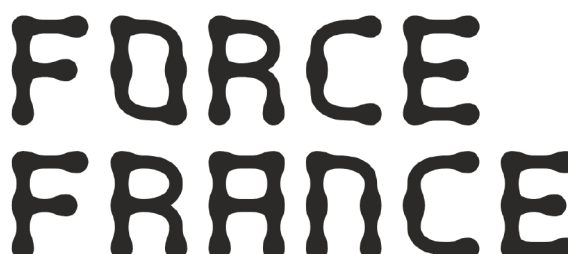
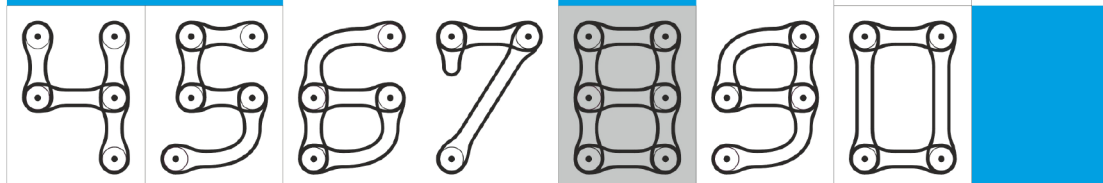
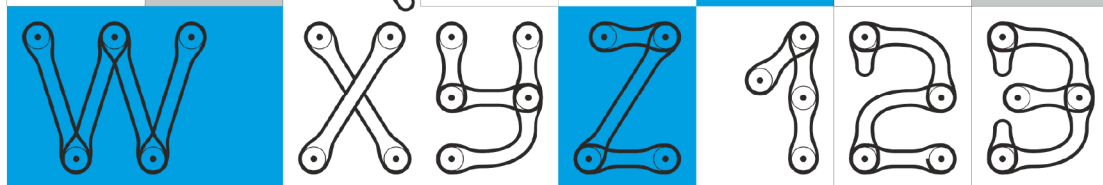
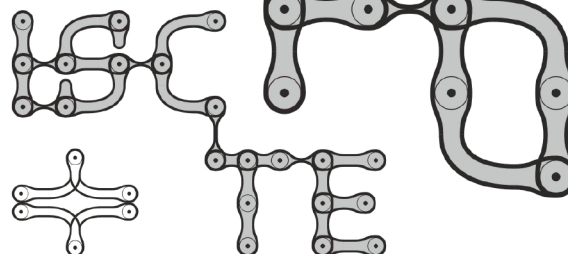
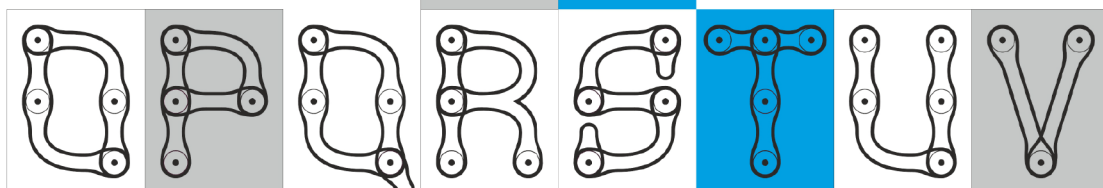
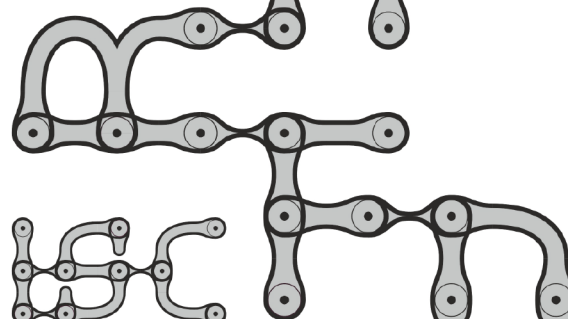
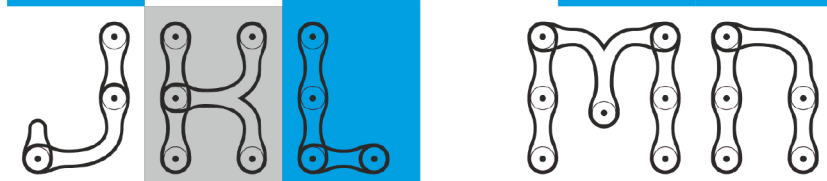
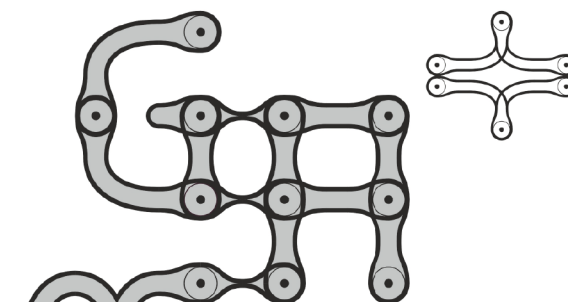
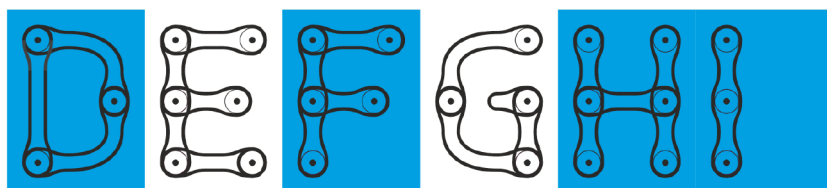
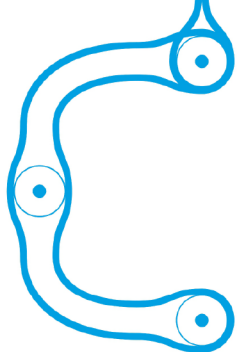
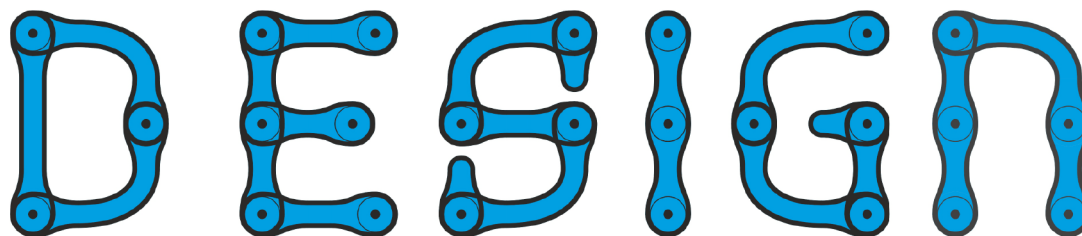
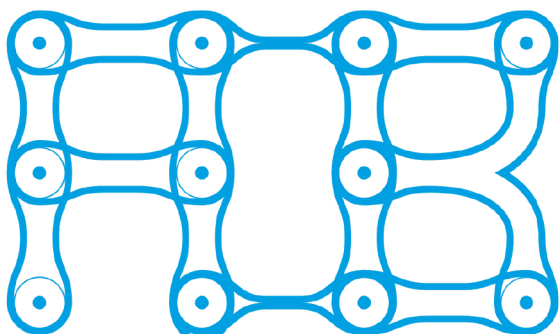
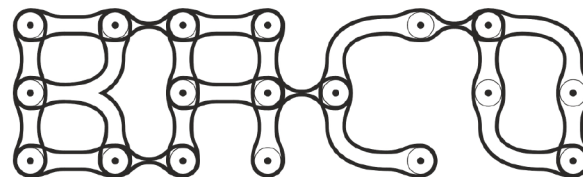
ENTRONICAMENTO

LINHADABEIRABAIXA

PONTOS: DE: ENCONTRO



Curioso que oíço qualquer coisa ao ver isto, estes braços mecânicos que se articulam em movimento incessante. Há uma vida a acontecer no miolo dos contornos, uma forma das formas se juntarem e fazerem sentido. As letras nasceram para dar sentido ao mundo, para prolongarem mecanicamente os nossos sentidos até ao enigma. Ouvem o ronronar deste alfabeto? As rotativas estão em movimento para dar ao mundo uma nova pele. Pele de jornal. Pele de livro. Há momentos a caminho de cada extremo, pontos de ligação, relações. Mas ouvem o ronronar destas letras? Como desliza tudo suavemente, são braços mecânicos, mas que se tornaram organismo. Move-se o conjunto em torno dos eixos em busca do que dizer. Se há nisto uma ordem tem origem na dança. Coreografada por Baco. É dele a música que oíço. E bebo a cada tiragem, inebriado pelo cheiro a tinta. **João Paulo Cotrim**



MUSEU

DA PELE E

CURTUMES

ALCANENA

A B C D E F G H I J K L M

N O P Q R S T U V W X Y Z

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

C C A T R I

ARTE DO POVO

PELE

1999

O universo da tipografia convoca-me sempre para um espaço oficial povoado de tipos e com grandiosas prensas. Seguramente, para esta imagem contribuíram as magníficas gravuras e estampas que preenchem a minha memória, como os deslumbrantes “teatros das máquinas” da l'Encyclopédie de Diderot e D'Alembert.

Este espaço oficial, até mesmo na virtualidade, com as suas técnicas e tecnologias está sempre associado a esta actividade, como é o caso da letra *Pele* concebida pelo Jorge dos Reis, juntando na sua aceção o uso para o qual se destina e a técnica que está associada ao corte deste material, de origem animal. A proveniência desta matéria faz-nos recuar um pouco no tempo ao associamos estes cortes nas peles esticadas às magníficas indumentárias e inúmeros artefactos como: tendas, canoas, panos de selas e escudos que os índios da América do Norte e sobretudo os Apaches, esses exímios caçadores de bisontes, exploraram até aos limites, fazendo parte integrante da sua cultura material, e que a utilizavam também como veículo da sua cultura visual, pintando na pele os signos e as imagens que alimentavam os seus sonhos e aspirações.

A letra *Pele* transporta-nos para este imaginário, onde o virtuosismo no domínio de um material fazia a diferença no conhecimento da vida pelos homens. **Raul Cunca**



PISO1

SECRETARIA  
SALÃO NOBRE  
UNIVERSIDADE  
SÉNIOR  
XADREZ  
BASQUETEBOLE  
GINÁSIOS124  
EDUCAÇÃO  
FÍSICA  
MUSCULAÇÃO  
JOGO DO PAU  
BAR HABIB  
CYBER CAFÉ

ABCDE  
FGHIJ  
KLMN  
OPQRS  
TUVW  
XYZ  
12345  
67890

PISO1

SECRETARIA  
SALÃO NOBRE  
UNIVERSIDADE  
SÉNIOR  
XADREZ  
BASQUETEBOLE  
GINÁSIOS124  
EDUCAÇÃO  
FÍSICA  
MUSCULAÇÃO  
JOGO DO PAU  
BAR HABIB  
CYBER CAFÉ

PISO2

DIRECÇÃO  
BIBLIOTECA  
1001-DANÇAS  
GINÁSIOS

PISO3

ESCOLA  
DE MEDICINA  
CHINESA  
YOGA  
PISCINAS  
JARDIM  
INFANTIL  
BAR ÁGUA

MATA

ESCOTEIROS  
PERMACULTURA

PISO2

DIRECÇÃO  
BIBLIOTECA  
1001-DANÇAS  
GINÁSIOS

PISO3

ESCOLA  
DE MEDICINA  
CHINESA  
YOGA  
PISCINAS  
JARDIM  
INFANTIL  
BAR ÁGUA

Parafraseando a etnóloga e pianista Margot Dias, quando diz que “a música é expressão de ser”, também diria que a tipografia Athena é expressão do ser Jorge dos Reis. Excessiva na sua determinação morfológica, construída por um sistema geométrico sólido que concilia rectas e curvas elementares, marca a simetria vertical dos caracteres com duplicação de bastão horizontal, desenhando uma falha, um hiato, de onde partem ligaduras transversais aos caracteres, como se fossem atravessados por uma corrente eléctrica autofágica. Lembrando a Arte Déco, a Athena supera a normalização funcional do uso pelo apelo à estranheza, invocando um anacronismo essencial, de quem desenha contra o progresso do tempo, querendo resistir à voragem do tempo. Tal como no canto, em que o autor recebeu formação até abandonar a música em favor da arte gráfica, as letras como os fonemas são tratados com sofisticação técnica, são articulados por uma voz educada contra a selvajaria do espontâneo.

Francisco Providência

ATHENA  
COMERCIAL  
DE LISBOA

O resultado final da criação de um tipo de letra – a sua forma, estilo e simbolismo – constitui um plano pictórico que frequentemente se torna uma referência num dado tempo e espaço. Foi o que sucedeu com a “Simplíssima Beirã”, cuja expressão visual ganhou vida própria através do jornal “Notícias da Covilhã”, para o qual foi concebida com o propósito de, segundo o seu autor, combater a “iliteracia tipográfica provocada”. De 2001 até há bem pouco tempo, a linha gráfica daquele semanário manteve-se pragmática, porque clara e organizada, altaneira e esguia, mas robusta e impressionante, tal como a Beira que lhe deu o nome.

António Fidalgo, Reitor da Universidade da Beira Interior

SIMPLÍSSIMA BEIRÃ 2001

14 DE DEZEMBRO DE 2001

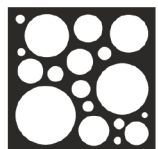
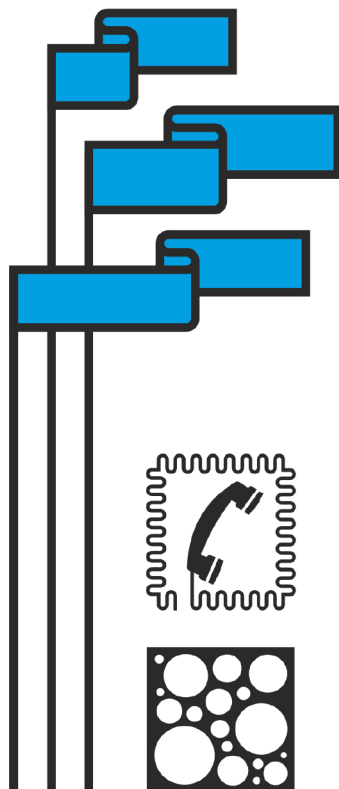
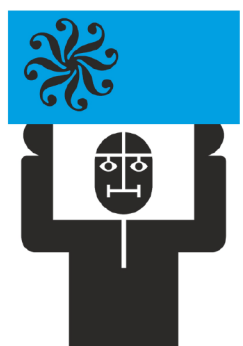
# NOTÍCIAS DA COVILHÃ

[www.ecclesia.pt/noticiasdacovilha](http://www.ecclesia.pt/noticiasdacovilha)

Director José Geraldes | Director Adjunto Fernando Brito

Semanário Regional | Sai às Sextas Feiras | Fundado em 1913  
Ano LXXXVIII | Nº 4814 | 110\$00 (IVA incluído)

1913 2001  
88 ANOS



A	B	C	D	E	F	G	H	I
J	K	L	M	N	O	P	Q	R
S	T	U	V	W	X	Y	Z	≡
1	2	3	4	5	6	7	8	9









Guarda Livros

textos e contextos



selecção e organização

António José Dias de Almeida

roteiros retratos  
viagens memórias  
diário(s) meditação



Jorge dos Reis, artista gráfico, usa a liberdade criativa e a mestria de preencher os silêncios e os vazios das palavras-imagens. A natureza e o espaço tipográfico por ele criado provocam no nosso olhar algumas perplexidades com as quais, por vezes, não sabemos lidar. A razão imediata talvez esteja no impacto e na relação da tipografia com a voz e com a tensão emocional da nossa experiência da leitura de um texto como uma paisagem sonora. Pois é, o JdR sabe como ninguém compor com letras uma corrente sublime de sonoridades com a Com-vogal-soante.

Ficamos agarrados a um certo comprometimento exaltado com a paisagem de onde emergem sons dessas vogais soantes como sinal de delicadeza e afectos. Dir-se-ia que a escrita tipográfica com a letra Com-vogal-soante é potente e surpreendentemente eficaz, através do jogo do claro-escuro e nos ritmos da revelação e ocultação do desenho, naquilo que se reconhece como estruturante: a expressividade e a maior ou menor densidade da linha. JdR vai ao fundo e, a partir do âmago, é capaz de desvendar as particularidades de fazer a diferença do desenho de tipos como um contributo para a estética da contemporaneidade. São os vestígios de hoje, dos tempos idos da "Arte Negra", como antigamente era designada a criação tipográfica.

Mas o mais importante é observarmos, escrutinarmos também, para dar primazia à "coisa" inusitada (original). Porque é precisamente daí que as letras com forma adquirem todo o seu sentido e significado.

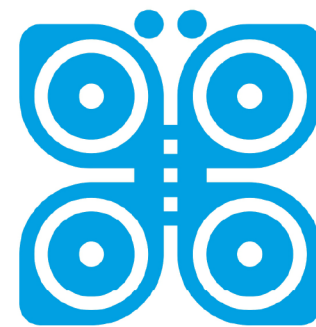
Desenhar hoje tipografia é fazer incidir a nossa atenção sobre o real, projectar a nossa observação numa perspectiva contínua e legitimada para o sentido da obra tipográfica de JdR, sabendo extravasar o campo estrito do design, e reclamando-se de uma questão de cultura. Ou seja, estabelece relações do designer-artista com o seu lugar no mundo. A produção de uma família de tipos pode/deve agregar-se a esta lógica. A criação tipográfica do JdR nunca é silenciosa, por isso as suas vogais são poderosamente soantes. **Adriano Rangel**

epistolografia  
impressões

(aeiou) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

bcçdfghijklmnpqrstvwxyz

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ?!



TEMPO  
 AMPLO  
 VAZIO  
 DIFUSO  
 ORIGEM  
 RAIZ  
 BROTO

A B C  
 D E F G  
 H  
 I J K L M  
 N O P Q R  
 S T U  
 V W X Y Z  
 1 2 3 4 5  
 6 7 8 9 0

2005

LINHA-DE-ALÉM-TEJO

trememente canto voz branca de tom  
 baixo mesmo sob sombra no interior  
 dos sobreiros nem aragem rega terra  
 as ervas são avaras e de espaço

porque a estrada estende línguas de langor  
 porque o ar é forquilha de hastes finas  
 porque a brisa faz ninho nas adegas  
 porque setembro traz carroças  
 de mosto nas patas porque agosto  
 planta sede e janeiro abre dedos  
 de frieiras porque o mar no litoral  
 será vaso de que vieram escravos  
 de trás do sol posto pelo sado  
 do senegal rudes serenos  
 impérvios ao trato bruto — no porte  
 pretos na nudez estranhos

capazes de mondar um ror de feno  
 à calidez da tarde e desabar  
 e explodir num toque roucos  
 e humanos porque a calma ronda  
 os muros caíam-se cada novo ano

Margarida Vale de Gato

ESCALATA  
 FESTIVAL DE PERFORMANCE E ARTES DA TERRA  
 JULHO AGOSTO SETEMBRO  
 GEM 2005 ALENTEJO

A A B C D E F G H I

J K L M N O P Q R

S T U V W X Y Z

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

a b c ç d e f g h i j k k

l m n o p q r s t

u v w x y z ; : é ã é ê

2006

Artéria

As letras servem, em geral, para ler e ver. As do Jorge dos Reis servem também para ouvir.

Esta Artéria foi desenhada para a poesia dita, falada, sonora. Tem, como a flauta doce, cabeça, corpo e pé, embocadura. Como a trompete, a trompa ou o trombone, bocais e campânulas, braços, varas e curvas de afinação. E pistões, e chaves de escape. Toca, sopra, fala e, como na poesia e na música, tem ritmo e harmonia. Constrói melodias e texturas.

A Artéria é também vegetal. As hastes crescem da linha de base como caules que a sustentam e alimentam. A anatomia não é feita de braços, orelhas, caudas, barrigas e olhos, mas de ramos, talos, gemas, pecíolos, nós e entrenós. Não se vê a raiz e, ainda assim, ouve-se a seiva que a percorre e desenha folhas, flores e frutos. Música vegetal. **João Bicker**



2007

Podemos comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade é independente da forma como a executam; os erros que possam cometer os músicos que a tocam de modo nenhum comprometem essa realidade.



Um clarim é um instrumento de sopro morfológicamente muito simples. Um único tubo é dobrado, uma ou duas vezes, em forma de bobina e transporta o sopro-som entre um bocal e uma campânula. É somente através da embocadura – a modulação muscular virtuosa da boca e dos lábios – que o instrumentista força o ar a transformar-se em música.

O tipo de letra Clarim é um instrumento visual com a mesma simplicidade e elegância formais. É somente através do desenho – a modulação virtuosa de um gesto – que o Designer Jorge dos Reis cuida as sonoridades da língua portuguesa revelando-as em traços que foram poeticamente dobrados até se tornarem legíveis.

Deslumbrantes glifos híbridos abrigam constrictões suaves, quase maternas, ou friccionam-se sensualmente. Como se a música e a dança também fossem convocadas para desenhar o som do discurso. **Vasco Branco**

 saussure

# clarim fonética

à rato	o mosca	am rampa	an canto	C cama	ƒ fuga	§ mesa	l lama
a cama	U fuga	em tempo	en tenda	b bala	ç girar	Z zangão	l malga
e vela		in rim	in tinta	d dedo	j jantar	ch china	lh milho
e medo	i pai	om bomba	on ponto	t testa	V vento	X xangai	l marca
e regar	u pau	um atum	un fongo	g grito	6 masia	X exposição	l burro
è ele é ela		am cantam	em cantem	p pala	ç maça	ç próximo	l rato
i bilha	ü quírido			q questão	S sal massa	X exame	m maça
o bola		nh linha	h harpa		S teste	ç sexo	n nicho



Scottish  
 Sculpture  
 workshop  
 abcdef o12?  
 ghijklmnp543!  
 opqrstu 6789  
 vwxyz \*#&@

lumsden  
 typeface

2009

toilets  
 office  
 library  
 IT room  
 tech office  
 studios  
 communities  
 room



Situada em Aberdeenshire, Escócia, Lumsden herdou o seu nome do importante clã cuja influência política remonta ao século XII. Envolto por denso arvoredo, é ainda hoje possível visitar as ruínas de Banerne Castle, residência de várias gerações da família.

O presente é sempre feito da erosão, sedimentação e consolidação de movimentos passados. O presente é sempre herdeiro.

O tipo de letra Lumsden, uma display desenhada para o Scottish Sculpture Workshop, constrói-se nesse movimento presente herdado do movimento que o antecedeu. As letras são tensivas, sugerem devir mas, igualmente, um retomar pretérito. São escultóricas e musicais (a influência de Donald Judd e Steve Reich é reconhecida) e, enquanto tais, são tempo que se compõe em forma, são performativas. A competência e a performance do leitor são desafiadas, a semiose expandida – a leitura é o espaço do encontro possível.

José Bártolo

way  
 out

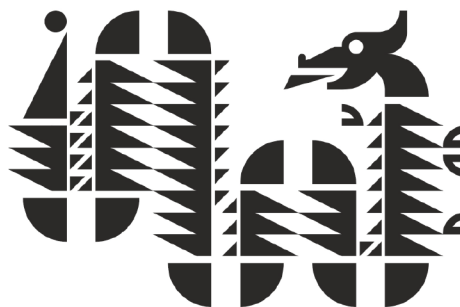






ART AND  
DESIGN  
EXHIBITION  
2010

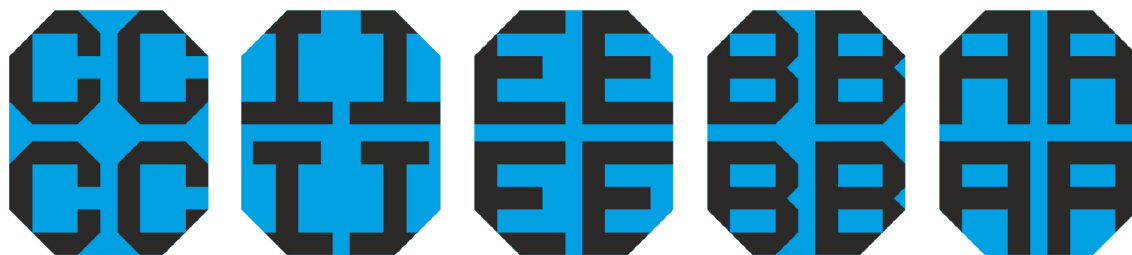
MACAU  
FBAUL



Macau resulta de uma estadia no último ano (1999) em que esta região estava sob administração portuguesa. Contudo só nascia como alfabeto em 2010. As hastes das letras aludem a caules de canas, como que estabilizadas num encontro entre a marca de uma estocada súbita e o cunho que se fixa. A construção da letra dá-se por calculados golpes de talhe, como gestos que concentram na sua pancada uma ponderação prévia. Daí esse paradoxo formal, entre gestualidade e imobilização, ou entre a simulação das oscilações do toque do pincel da caligrafia oriental e a forma tipográfica da letra ocidental.

Sempre considerámos que Jorge dos Reis gosta de trabalhar as letras como *figuras*. Não no sentido em que a letra se representa com referentes exteriores, na tradição da *letra historiada* das inícias medievais, na linha do hibridismo zoomórfico ou antropomórfico de Ratdolt, Peter Flötner, Braccelli, Mitelli ou Erte. Esta via desenrolava uma paródia em torno da letra que Jorge dos Reis evita. No seu caso a letra quer ser forma com ordem própria, ter uma *figura de letra*. Daí o seu prolífero trabalho de criação de alfabetos se efectuar por uma espécie de *alusão*, como um jogo de afinidades que paira sobre o *espírito da letra* – lugares, cheiros, autores ou outras referências culturais – que *vêm ter com a letra* e que a nomeiam. **Fernando Rosa Dias**

A B C D E F G H I J K L  
M N O P Q R S T U V W  
X Y Z  
1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 ? !



CIEBA



CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E ESTUDOS EM BELAS-ARTES  
SECÇÃO DE CIÊNCIAS DA ARTE E DO PATRIMÓNIO FRANCISCO DE HOLANDA

FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

A B Ç D E F G

H I J K L M N

O P Q R S T U

V W X Y Z ? !

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

O desenho de fontes é uma manifestação discreta e silenciosa que alavanca uma miríade de factos, fenómenos e singularidades: históricas, tecnológicas e científicas. Mais do que encontrar respostas e fundamentar certezas, abordo este universo com um prazer imenso de uma interrogação contínua, como uma criança na idade dos *porquês*.

De todos os objetos que têm origem numa atividade projetual, o desenho de letra é dos que passa mais despercebido. Reconhecemos em qualquer objeto do nosso quotidiano, por mais insignificante que nos possa parecer, uma forma que resulta de uma sequência de juízos e gestos. O desenho de letra, pelo contrário, não nos questiona, não nos suscita essa curiosidade.

Procuro uma resposta consistente: porque é que em relação à tipografia essa interrogação não se nos coloca? O desenho da letra prolonga-se na palavra, esta articula-se com a linha, cuja sequência ocupa uma superfície, a da página, e esta, por sua vez, em múltiplas camadas formam o livro. A encadernação dá origem ao seu corpo final e também ela necessita da tipografia.

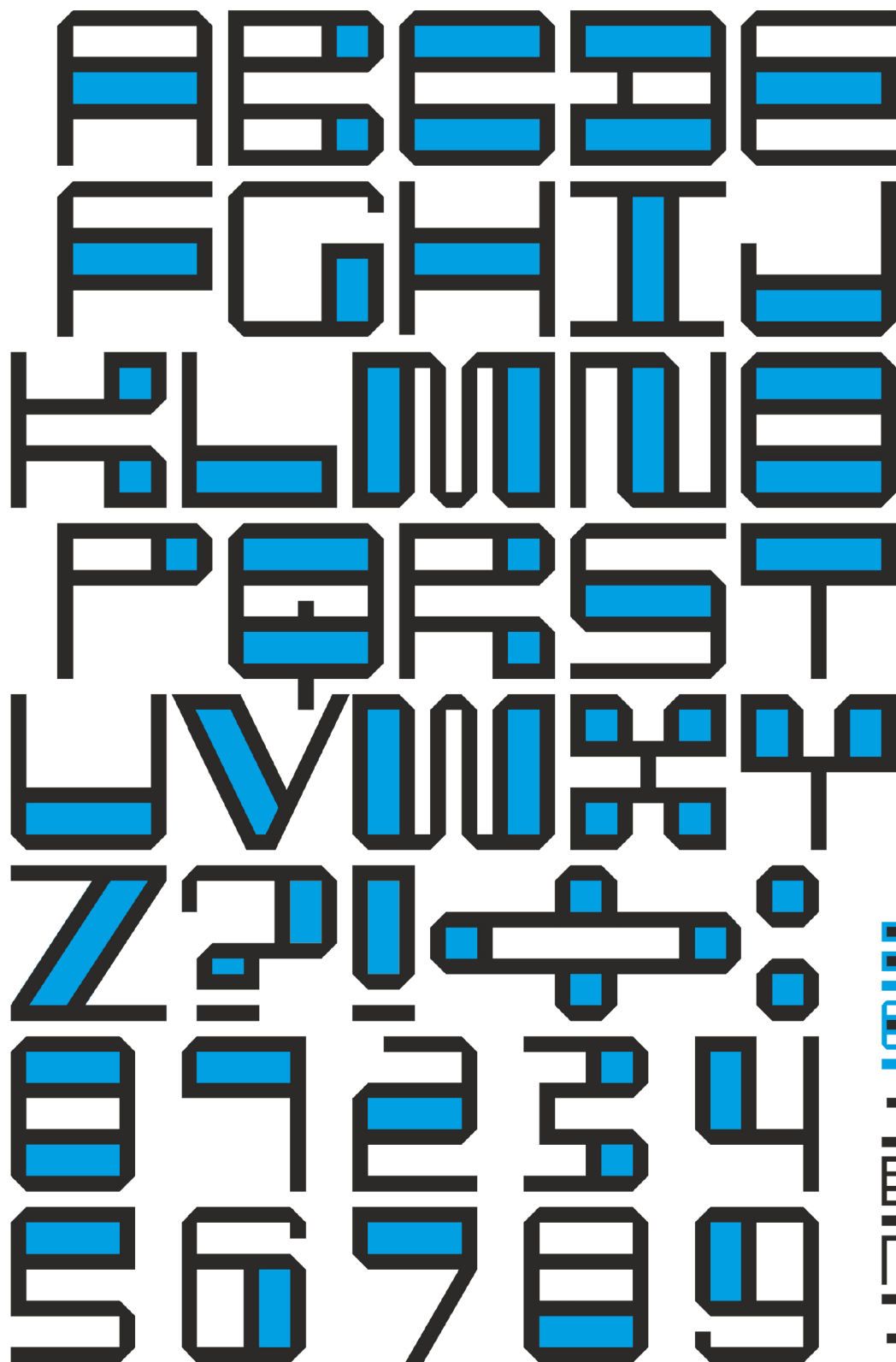
Num livro tudo é identificado, a começar pelo autor do texto, ilustrações, fotografias, citações, enfim, todo o trabalho autoral que concorre para a concretização daquele objeto. O desenho das fontes, salvo raríssimas exceções, é ignorado.

Um copo tem a sua existência numa mesa, um quadro numa parede, cada objeto tem um lugar plausível. A tipografia não tem território ou geometria pré-definida, ela existe e invade não importa que superfície, é uma presença invasiva, umas vezes discreta e silenciosa, outra ruidosa e agressiva.

Por tudo o que explanei, o desenho da fonte que Jorge dos Reis concebeu para o CIEDA dá uma resposta qualificada ao que é exigido como instrumento de divulgação do trabalho desenvolvido por este centro de investigação. Desta forma, esta é elegante, mas afirmativa e pragmática.

Uma fonte, a partir do momento em que é criada por um autor e começa a ser utilizada por outros, deixa de lhe pertencer. É como se este criasse uma voz que se desmultiplica noutros corpos. **Mariano Piçarra**





2012

CENÁCULO  
 CENÁCULO  
 CENÁCULO

A letra Cenáculo é uma homenagem a Frei Manuel do Cenáculo, arcebispo de Évora nos fins de setecentos e pico. Cenáculo queria uma biblioteca pública para Portugal. Pois sonhou e assim foi a dele, em Évora, estando hoje, pública, muito bem conservada, e uma das principais do país. Nos acasos das letras e das formas, quis a história que Cenáculo tivesse iniciado estudos religiosos no Convento de São Francisco, em Lisboa. Quis também a história que o convento cedesse lugar à Academia de Belas-Artes, hoje Faculdade. Quis a história que Jorge dos Reis ali se dedicasse ao desenho das letras. Ora também Cenáculo estudou letras diferentes, aprendeu grego, árabe, sírio, caracteres ricos, cifrados e distantes. Assim Jorge dos Reis responde, do fundo da história, ao prazer da história. **João Paulo Queiroz**

DESIGNO • DA  
 ESCRITA • EM  
 • PORTUGAL •  
 BIBLIOTECA  
 NACIONAL DE  
 • PORTUGAL •



CHARTERS  
LETTERS  
UPPER  
LOWER

UL  
L  
L  
L

2013

Jorge dos Reis foi tipógrafo na sua juventude. Hoje é um promissor Professor de Design de Comunicação da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde criou o Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas.

A paixão que sempre nutriu pelos tipos móveis da “velha” tipografia continua a despertar em Jorge dos Reis o desejo de inovar no campo dos tipos digitais, criando incessantemente novas “letras” para as mais diversas realizações gráficas na Faculdade de Belas Artes e, em particular, para inúmeros colóquios e publicações científicas do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), tendo em conta não apenas os diferentes conteúdos mas também os diversos destinatários das publicações...

Assim aconteceu com a *Letra “Charters”*, que foi concebida para lançar e acompanhar a exposição evocativa da obra do escultor João Charters de Almeida (n. 1935), por ocasião da cerimónia de outorga do Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Lisboa ao artista, que havia sido proposto pela Faculdade de Belas-Artes e aprovado pelo Senado.

Partindo das formas minimalistas do Monumento da autoria do escultor que foi colocado à entrada da Alameda da Universidade (proveniente da Ribeira das Naus, sua primeira implantação) e utilizando preferencialmente o vermelho, o branco, o negro e o cinzento, cores predominantes em grande parte da obra escultórica em causa, Jorge dos Reis criou um novo tipo digital de grande força expressiva que permanentemente nos remete para as estruturas essencialistas com que João Charters de Almeida pontua lugares e espaços, nas cidades ou nas paisagens.

As “letras” criadas por Jorge dos Reis têm, assim, essa capacidade de se tornarem *ecfraticamente* equivalentes ao médium externo (objetos ou conteúdos) que pretendem representar ou de que são expressão gráfica, despertando no espectador/leitor esse esforço suplementar de leitura e de fruição artística muito mais duradoura do que é habitual perante uma mera “fonte”.

Não deixarão, por isso, os espectadores/leitores destas “letras” de se interrogarem acerca das inesgotáveis e inovadoras soluções plásticas que finalmente se oferecem, de forma potencialmente infinita, a esta “nova tipografia”, abrindo, deste modo, novos caminhos na e para a criação artística contemporânea. **Fernando António Baptista Pereira**



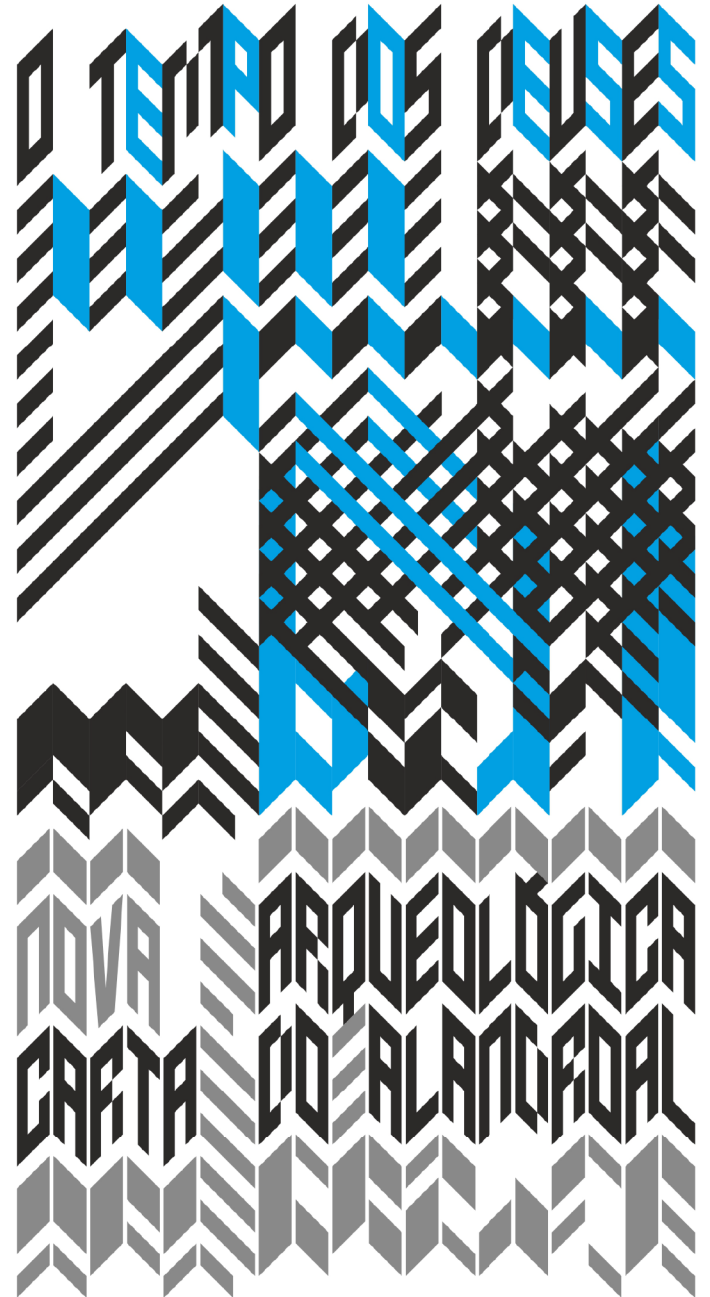




2014

ALANDROAL

Alandroal é um tipo de letra que sugere, em uma composição, percursos verbo-visuais, onde as letras parecem deixar pelo caminho um rasto contínuo do deslocamento. Até mesmo o espaço deixa aqui a marca do indispensável repouso. E nesse trajeto, por onde o texto se constrói, a geometria revela o ritmo e a dinâmica da leitura. Cada glifo possui duas inclinações que ditam a constante alternância de torn. A oposição entre as arestas duras cria um contraste peculiar entre as letras, fazendo com que a mancha tipográfica tenha, além de continuidade, profundidade e peso. Assim, entre incisões secas e sem curvas, as palavras são convertidas em um belo caminho sinuoso. Alandroal é um tipo angular e robusto, capaz de conferir solidez à escrita, ao passo que transforma o texto em uma extensa textura. **Emerson Eller**

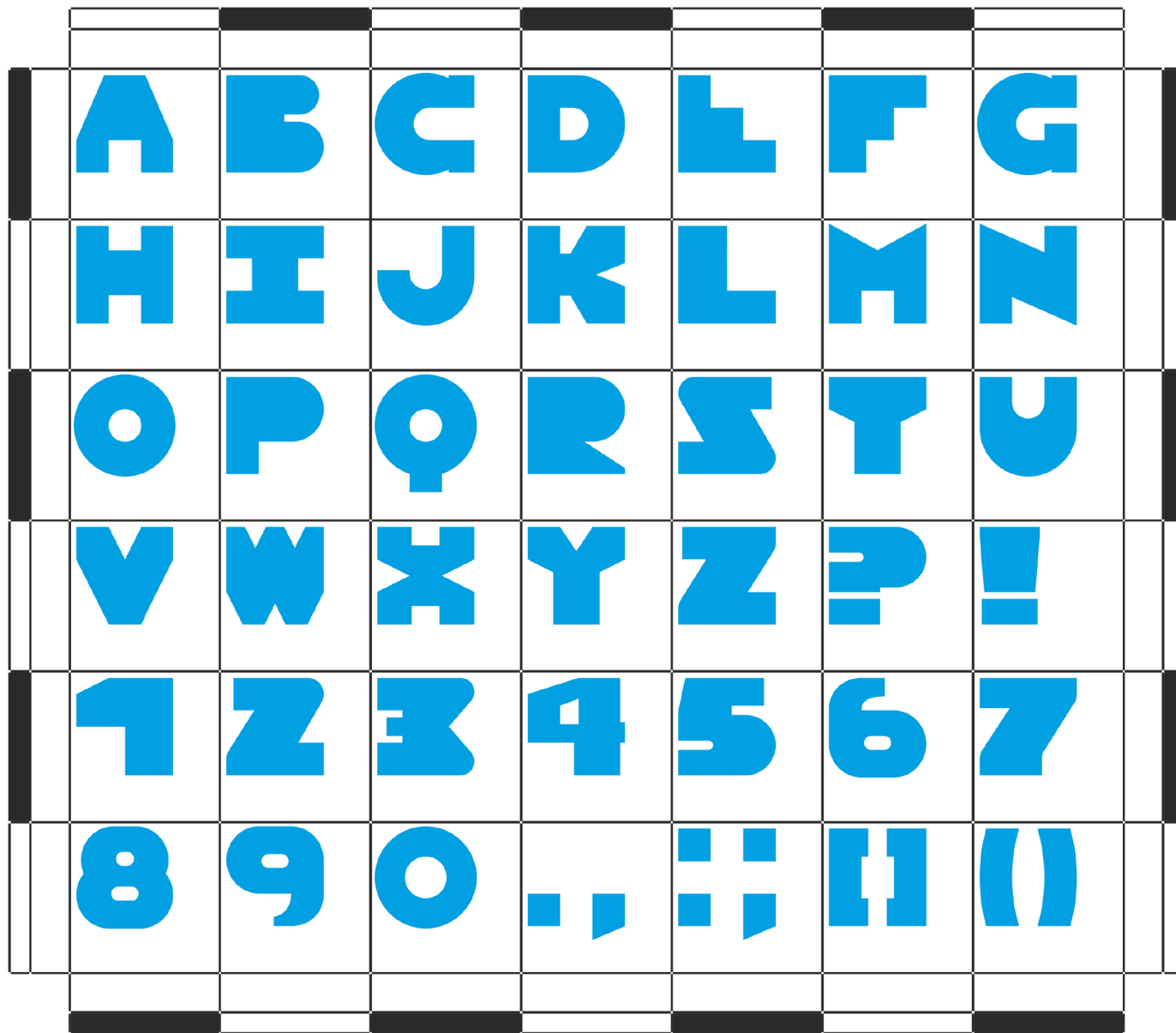


2015

# GARDUNHA

O desenho dá forma à letra e define o seu carácter e identidade, que se expressam em determinado tom e ritmo. As letras podem assumir uma função neutra ou expressiva, intervindo mais ou menos no sentido da mensagem escrita. E nesse sentido, as letras constituem verdadeiros sistemas, na medida em que cada signo tem um valor isolado que, dependendo do seu uso, assume diferentes funções na criação de um significado mais amplo. Neste caso, a forma das letras surge de uma dialéctica entre forma e contraforma, entre o negro e a luz intensa, tal como se define o perfil das fragas na Serra da Gardunha. Trata-se de uma visão pessoal e autoral que define a estrutura de caracteres sem patilha em caixa alta, que apresentam um perfil robusto, mas afável. Uma forma ígnea, sólida e resistente, na qual o desenho rigoroso foi limitado por variações nos ângulos e traços orgânicos, que lhe dão vitalidade. Distintas formas de letra aptas a produzirem palavras compactas e dinâmicas, que não anulam a personalidade de cada infra signo.

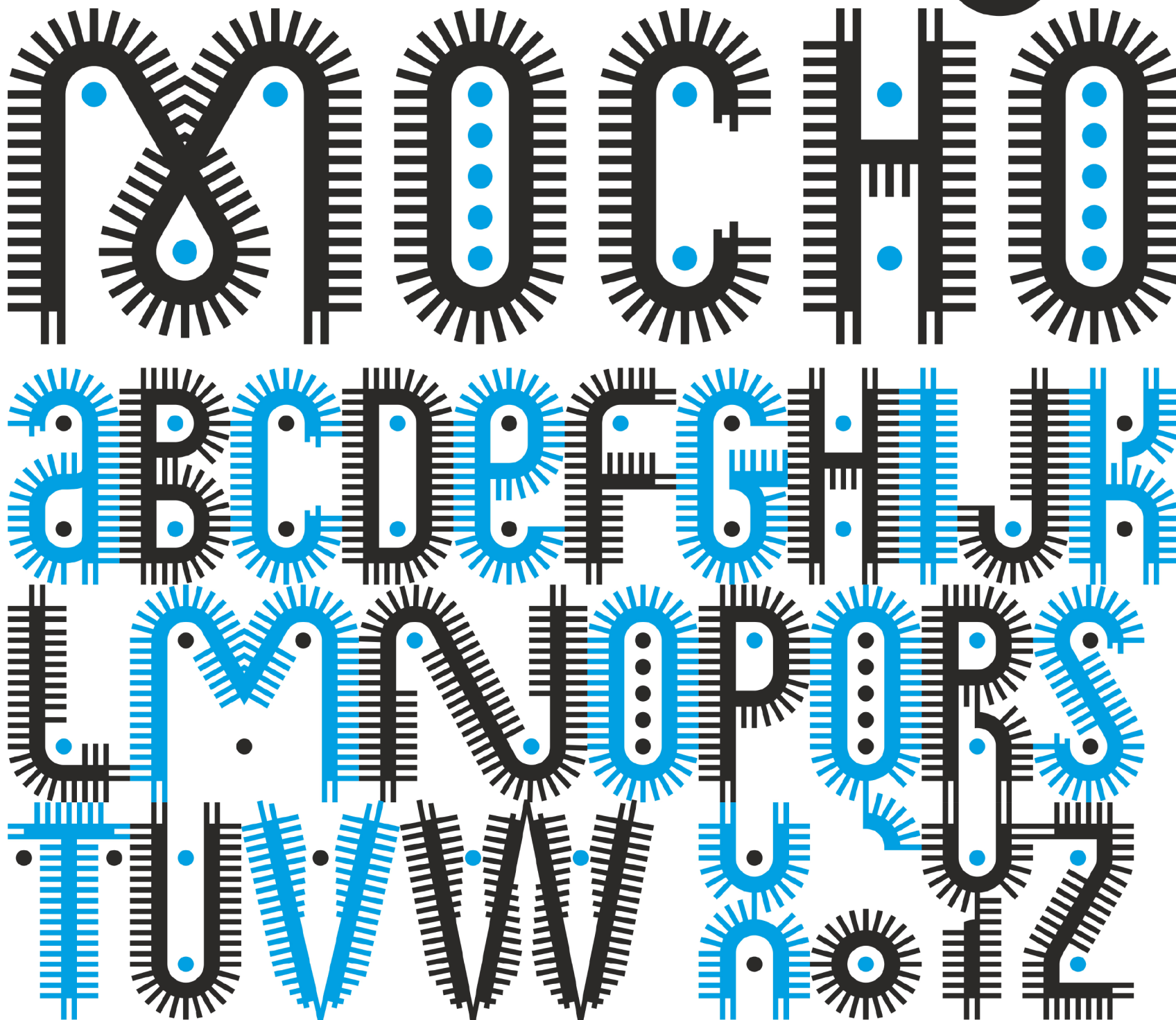
Daniel Raposo



C A D E R N O D E C A M P O D A  
 S E R R A D A G A R D U N H A : :

A Mocho foi uma fonte desenhada por JdR, em 2016, para comemorar os 25 anos da ESTAL. Caracteriza-se pelo "humor-ironia" e pela forma peculiar como é capaz de conciliar *craft* e inovação. Excêntrica, afirmativa, clara, elegante, bem equilibrada, revela que a letra impressa, a caligrafia e o grafismo dos sinais e da escrita são interesses que JdR cultivou desde cedo e que se tornaram verdadeiros *ex-libris* do seu trabalho como tipógrafo. Tipocondríaco por excelência, com a destreza do craftsman e os recursos do digitalman, JdR produziu uma fonte divertida, que se metamorfoseia, ora em estruturas lógicas ora ilógicas e combinações ornamentais sem fim. Industrial e, ao mesmo tempo, caligráfica, multiforme, ilustra a diversidade do estado da arte no cenário da nossa civilização artística e cultural em constante mudança, bem como a estratégia da escola que está na sua gênese. **Maria João Bom**

2016



01  
02  
03  
04  
05  
06  
07  
08  
09  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21

- 1996 — Norwich 1 + Norwich 2  
1. Norwich University of the Arts, 1996  
2. SPIM – Sociedade Portuguesa de Investigação em Música, 2016
- 1997 — Via Estreita  
Museu Nacional Ferroviário (Entroncamento)
- 1998 — Baco  
ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
- 1999 — Pele  
Museu da Pele e dos Curtumes de Alcanena
- 2000 — Athena  
Ateneu Comercial de Lisboa
- 2001 — Simplíssima Beirã  
Jornal Notícias da Covilhã
- 2002 — Tintininho  
Câmara Municipal da Guarda
- 2003 — Kensington gore / Royal College of Art (Projecto)  
Cristina Fernandes, INET-MD Instituto de Etnomusicologia (2015)
- 2004 — Com-vogal-soante  
Guarda-livros, Antologia de Escritores da Guarda
- 2005 — Linha-de-além-tejo  
Festival Escrita na Paisagem 2005
- 2006 — Artéria  
Bosq-íman:os Records
- 2007 — Clarim  
Escola Secundária de Gil Vicente e Escola Secundária Eça de Queiroz
- 2008 — Montanhês  
Jornal Terras da Beira ~ Cidade da Guarda
- 2009 — Lumsden  
SSW – Scottish Sculpture Workshop, Lumsden – Aberdeenshire
- 2010 — Macau  
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
- 2011 — Cieba  
Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes
- 2012 — Cenáculo  
Biblioteca Nacional de Portugal, Exposição Três Movimentos da Letra
- 2013 — Charters  
Doutoramento Honoris Causa – Escultor João Charters de Almeida
- 2014 — Alandroal  
Câmara Municipal do Alandroal
- 2015 — Gardunha  
Caderno de Campo da Serra da Gardunha – A Moagem, Fundão
- 2016 — Mocho  
ESTAL – Escola Superior de Tecnologias e Artes de Lisboa

calafrio do teatro

GUINADA

menizias do ninhou

BIBLIOTECA EM CHAMAS

TIPO DE LETRA

DIÁRIAS

O PASTEL DA COVILHÃ

TYPE LOVE BOOK

ARTE E SÓCERO

painting and pintura?